

DOUTOR GOOGLE

Luísa Silva Nangi dos Santos

Eduardo acordou com uma dorzinha chata na barriga, daquelas que não passam depois de ir ao banheiro nem depois de comer. No começo pensou em ser uma azia, ele que tinha passado da conta na feijoada do dia anterior e já não estava mais em seus vinte e poucos. Contudo, já que o antiácido que havia tomado parecia não surtir qualquer efeito, estava começando a se incomodar.

Primeiro resolveu pedir conselhos. Era mais rápido, certo? Não queria perder o domingo inteiro pesquisando sobre uma besteirinha daquelas.

“Acordei com uma dor de estômago que não passa de jeito nenhum, alguma dica???”, postou ele em sua rede social. Logo conseguiu algumas curtidas, duas reações de tristeza e uma de riso (do anfitrião da feijoada pregressa). Comentários foram poucos: duas sugestões de chá, uma de sua mãe e outra da tia Zilda; outro perguntando se já havia tomado um antiácido, um quarto comentário desejando melhoras.

Recorreu ao aplicativo de mensagens. Tinha uma prima no primeiro ano de Nutrição, capaz que ela pudesse saber alguma coisa.

“Vixe, Edu, pode ser tanta coisa... é melhor procurar um médico pra ver isso!”

Agradeceu, mas não faria aquilo. Demorava demais! Teria de ir até um hospital, esperar... e lá se iria o domingo todo!

Suspirou. Hora de consultar o Doutor Google...

De acordo com uma rápida *consulta*, ou melhor, pesquisa, descobriu que tinha um câncer grave. Ou então estava infartando, tinha lido um negócio sobre a dor que deveria ser no peito às vezes aparecer em outro lugar. Outra hipótese diagnóstica importante era úlcera provocada por uma bactéria de nome bem estranho, algo que lembrava “helicóptero”.

Ah, verdade, também poderia estar grávido.

Pensou em perguntar à prima se deveria consultar primeiro um oncologista, um cardiologista, um gastroenterologista (que palavra difícil!)... ou quem sabe até

um obstetra. Milagres acontecem, vai saber... por via das dúvidas, talvez pudesse já ir tomando um antibiótico de sua caixinha de remédios.

Perguntou à mesma prima se amoxicilina funcionava pra tal bactéria-helicóptero, mas o áudio que se seguiu quase o deixou surdo:

“Você ficou louco??? Que ideia de jerico é essa??? Sair tomando antibiótico à-toa??? O tempo que você perde catando um monte de coisa na Internet já dava pra você estar lá no hospital! Vou ter de te buscar aí pelas orelhas? Espera que tô indo aí!”

Eduardo rolou os olhos mas a carona até que foi bem-vinda. O problema seria o sermão da prima durante todo o trajeto e a sala de espera sobre uso responsável de antibióticos, os perigos do autodiagnóstico e outras mil coisas.

Enquanto sua prima falava em sua cabeça, ia mexendo em seu celular. Bem que poderia ter algum aplicativo para consulta virtual... salvaria tempo e paciência. Ou então um aplicativo em que você inserisse seus sintomas e ele retornasse diagnóstico e até os medicamentos. O problema seria achar um diagnóstico só... tinha conseguido quatro só na primeira página do Google! O jeito era ter algum respaldo de profissionais de saúde...

Será que existia aquele tipo de aplicativo?

Sua prima não parava de falar sobre a importância de consultar profissionais e blá, blá, blá. Eduardo ia apenas concordando no automático enquanto abria novamente sua rede social.

“Estou com uma dor de cabeça que não passa de jeito nenhum, alguma dica???”